

# **ESTATUTO DE A EM CONSTRUÇÕES ASPECTUAIS DO PORTUGUÊS: EVIDÊNCIA DA AQUISIÇÃO NA INTERACÇÃO FONOLOGIA – SINTAXE**

**Anabela Gonçalves  
Maria João Freitas  
DLGR – FLUL**

## **1. Introdução**

São escassos e recentes os trabalhos que avaliam a interacção de fenómenos de natureza gramatical distinta, nomeadamente sintáctica e fonológica, no processo de desenvolvimento da linguagem. Os resultados revelam a existência de alguns fenómenos interactivos na aquisição de uma língua natural, para o entendimento dos quais é fundamental considerar informação relativa a diferentes módulos da gramática (consultem-se, para o efeito, NESPOR 95, DEMUTH 95, GERKEN et al. 94, SHADY et al. 94, MANDEL et al. 94, SCARPA 93, e BASSANO 93).

O estudo do comportamento verbal de um grupo de crianças cuja língua materna é o Português Europeu permitiu-nos detectar informação linguística válida para a observação de interacção entre elementos de ordem fonológica e outros de ordem sintáctica no processo de aquisição daquela língua natural. Assim, nesta comunicação, avaliamos o desempenho linguístico das crianças relativamente à produção da vogal [a] quando esta ocorre entre fronteiras de palavra, ou seja, sempre que pertence às categorias sintácticas de determinante, de preposição ou de marcador aspectual. O estudo das presenças e das ausências desta vogal nos contextos linguísticos mencionados permitiu-nos:

1. Solucionar o problema fonológico da distribuição da vogal [ɑ] nos dados em análise a partir de informação de natureza sintáctica;

2. Testar a eficácia de anteriores análises sintácticas de construções infinitivas gerundivas dependentes de *estar* aspectual (cf. RAPOSO 89, GONÇALVES 92 e DUARTE 92);

3. Constatar a importância da manipulação de informação gramatical distinta (no caso, fonológica e sintáctica) para a descrição e para a interpretação de fenómenos linguísticos no processo de aquisição do Português Europeu.

Não é nossa intenção propor novas análises linguísticas (sintácticas e fonológicas) para o Português Europeu mas mostrar a necessidade de utilizar informação de diferentes módulos da Gramática para uma descrição adequada dos comportamentos verbais de crianças em fase de aquisição desta língua.

## 2. Hipóteses

Tal como enunciámos anteriormente, consideramos, para esta análise, a produção do segmento [ɑ] delimitado por fronteiras de palavra com um funcionamento sintáctico distinto, a saber:

1. determinante;
2. preposição que introduz um sintagma nominal;
3. expressão que introduz uma construção infinitiva gerundiva (doravante, CIG).

Com base nas diferentes distribuições sintácticas de [ɑ], e dado que a análise contempla a produção da vogal em questão apenas em contextos em que as suas propriedades fonológicas (segmentais e prosódicas) são idênticas, é lícito formular as seguintes hipóteses:

**HIPÓTESE 1:** o comportamento da vogal [ɑ] é semelhante em qualquer um dos três contextos sintácticos mencionados, ou seja, o funcionamento fonológico de [ɑ] é independente da sua categoria sintáctica. Assim, no processo em análise, não se verifica a interacção dos dois módulos da gramática (sintáctico e fonológico) no processo de aquisição do Português Europeu;

HIPÓTESE 2: a produção da vogal [a] é condicionada por factores de natureza sintáctica, ou seja, a presença da vogal, o seu apagamento ou a alteração das suas propriedades segmentais depende da sua categoria sintáctica. Assim, no processo em análise, verifica-se a interacção dos dois módulos da gramática (sintáctico e fonológico) no processo de aquisição do Português Europeu.

### 3. Metodologia

Os dados analisados foram retirados de um *corpus* longitudinal constituído por produções de 8 crianças entre os 0.10 e os 3.7 de idade, cuja língua materna é o Português Europeu. A recolha foi feita nos seguintes termos:

a) cada criança foi acompanhada durante um ano, em sessões mensais;

b) as gravações foram feitas em casa de cada uma das crianças, tendo as produções sido registadas em video e audio (Sony Handycam AF HI-FI Stereo);

c) a duração das gravações oscila entre os 30 e os 60 minutos;

d) a situação de recolha é espontânea, utilizando-se, para o efeito, os objectos e as situações mais frequentes no quotidiano da criança (brinquedos, livros, situações de interacção habituais entre o adulto e a criança, refeições, banho).

Para a transcrição das produções recolhidas foi utilizado o material do Laboratório de Línguas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A base de dados está a ser constituída no programa CHILDPHON WORDBASE para sistema Macintosh, desenvolvido no Max Planck Institut e utilizado em FIKKERT (94) e em LEVELT (94).

Neste trabalho, foram estudadas todas as sessões de 4 das crianças observadas (as crianças serão designadas pelas siglas LA, LU, P e R) e foi seleccionado material linguístico de acordo com os seguintes critérios:

A. CRITÉRIO FONOLÓGICO: registo de todas as estruturas do tipo  $x \cdot xVx\#[a]\#x$ , em que a ocorrência de [a] é sintacticamente obrigatória na gramática do adulto.

B. CRITÉRIO SINTÁCTICO: registo de todas as ocorrências de:

- construções infinitivas gerundivas dependentes de *estar* aspectual;
- construções nominais introduzidas pela preposição *a*.

Registadas todas as estruturas, procedeu-se ao estudo dos dados de acordo com a seguinte tipologia de comportamentos relativamente a [a]:

1. presença da vogal (incluem-se todos os casos de alteração das propriedades da vogal devida à aplicação de regras de *sandhi* por indicarem a presença da vogal);
2. ausência da vogal;

#### 4. O problema fonológico

Uma observação inicial do comportamento verbal das crianças levou-nos a detectar assimetrias na distribuição de [a] delimitado por fronteiras de palavra. Mais especificamente, constatámos que um [a] precedido de material lexical com propriedades segmentais e prosódicas semelhantes, num contexto fonológico do tipo  $x \cdot 'xVx\#[a]\#x$ , é produzido em alguns casos e é apagado noutros, como se verifica nos exemplos que se seguem:

(1)

##### SUJEITO LA

(1)	<buscar a Maria>	[buʃ'karama'ria]	(2;3)
(2)	<estão a dormir>	['tãwã'dmir]	(2;4)
(3)	<estou (a) fechar>	['tofə'ʃa]	(2;4)
(4)	<curar a Branca>	[ku'rarabə'rãka]	(2;7)
(5)	<está (a) pôr>	['ta'por]	(2;7)
(6)	<acendi a luz>	[asẽ'dia'luf]	(3;2)
(7)	<estão a rir>	['tãwã'rirə]	(3;2)
(8)	<estou (a) fazer>	['tofə'ze]	(3;2)
(9)	<fazem mal a mim>	['fazẽ'mala'mĩ]	(3;3)
(10)	<está (a) fazer>	['tafo'zer]	(3;3)
(11)	<igual a frango>	[i'gwalo'frãgu]	(3;3)

**SUJEITO LU**

(12)	<tem a chupeta>	['teasu'petə]	(1;11)
(13)	<está (a) chorar>	['tadu'darə]	(1;11)
(14)	<igual a esse>	['gwəwə'esə]	(2;2)
(15)	<está (a) escrever>	['takə'ferə]	(2;2)
(16)	<está a roda>	['taə'rwɔtə]	(2;2)
(17)	<estão a dormir>	['tāwədu'mi]	(2;2)
(18)	<está (a) brincar>	['tapəfi'karə]	(2;6)
(19)	<abrir a porta>	[ə'piə'pɔhtə]	(2;6)
(20)	<lê a história>	['leə'fɔrjə]	(2;6)
(21)	<está (a) bater>	['tabə'te]	(2;8)
(22)	<prender a fada>	[pɛ'deə'vadə]	(2;8)

**SUJEITO P**

(23)	<estão (a) comer>	['tāwku'me]	(2;7)
(24)	<está a chorar>	['taəʃu'arə]	(2;7)
(25)	<está (a) chorar>	['taʃu'arə]	(2;7)
(26)	<está a rosa>	['taə'gɔzə]	(2;7)
(27)	<estão (a) comer>	['tāwku'me]	(2;7)
(28)	<buscar a raia>	[ʃ'karə'raja]	(2;7)
(29)	<estão (a) ver>	['tāw've]	(3;6)
(30)	<está a ver>	['taə'verə]	(3;6)
(31)	<está (a) fazer>	['tavə'ze]	(3;6)
(32)	<tirar a cassette>	[ti'raəkə'se]	(3;6)

**SUJEITO R**

(33)	<está a andar>	['taəno'na]	(2;3)
(34)	<estou a brincar>	['toəmí'ka]	(2;3)
(35)	<põe a mão>	['põjə'māw]	(2;3)
(36)	<passar a ferro>	[pə'saə'fer]	(2;3)
(37)	<está a televisão>	['taəteivi'zōw]	(2;3)
(38)	<está (a) filmar>	['tafə'ma]	(2;7)
(39)	<estender a roupa>	[ti'deə'ropə]	(2;7)
(40)	<fazer a papa>	[fə'zeə'papə]	(2;8)
(41)	<estou (a) brincar>	['tomí'ka]	(2;8)
(42)	<está (a) dormir>	['tanu'mir]	(2;10)
(43)	<está a casinha>	['baəkə'ziñə]	(2;10)
(44)	<tirar a fotografia>	[ti'aəftuə'fia]	(2;10)

Esta observação inicial levou-nos à formulação do problema: como justificar, num mesmo contexto fonológico ( $x \cdot x'Vx\#[a]\#x$ ), comportamentos verbais assimétricos por parte das crianças relativamente à vogal [a]?

Dado que o contexto fonológico no qual se insere a vogal mantém constantes propriedades prosódicas (a vogal da sílaba final da palavra anterior é tónica) e propriedades segmentais (existe material segmental antes e depois das fronteiras de palavra que delimitam [a]; a alteração da qualidade desse material segmental não é pertinente para a produção ou para o apagamento de [a]), não foi possível detectar razões de natureza fonológica que justificassem a alternância produção/apagamento de [a] no *corpus* analisado, como se pode observar, de forma clara, nos pares de exemplos (24)/(25), (30)/(31) e (33)/(42).

Sendo semelhantes as condições contextuais fonológicas, procurámos outros factores que nos levassem a discriminar diferentes tipos de [a] a partir de um mesmo segmento com propriedades constantes. Assim, para estudar a distribuição desta vogal, no sentido de definir os motivos que conduzem ao seu apagamento ou à sua produção nos diferentes contextos, listámos as ocorrências possíveis, no sistema-alvo, de [a] pertencente a uma de três categorias sintácticas:

- . Determinante;
- . Preposição que introduz sintagma nominal;
- . expressão que introduz uma CIG.

O material seleccionado inclui potenciais ou efectivas ocorrências da vogal nas categorias sintácticas referidas, quando inserida no contexto fonológico  $x \cdot x'Vx\#[a]\#x$ , pertinente para a definição de um paradigma que nos permita o estudo contrastivo do funcionamento da vogal em análise.

Em seguida, fizemos o levantamento de informação quantitativa relativa à presença e à ausência de [a] em cada um dos potenciais contextos de ocorrência descritos. Os resultados encontram-se reunidos nos QUADROS 1 a 6:

	Presença	Ausência
LA	18	2
LU	20	0
P	15	0
R	14	0

Quadro 1 – Valores absolutos de presença e de ausência de '[α]Determinante' nos quatro sujeitos

	Presença	Ausência
LA	27	4
LU	11	1
P	14	0
R	28	0

Quadro 2 – Valores absolutos de presença e de ausência de '[α]Preposicional' nos quatro sujeitos

	V Aspectual com Pausa	V Aspectual sem Pausa	Ausência de V Aspectual
Presença de [α]	5*	20	7
Ausência de [α]	0	38	0

Quadro 3 – Valores absolutos de presença e de ausência de '[α] na CIG', quer com produção de V aspectual (com ou sem pausa entre V e [α]), quer sem produção de V aspectual em LA

\*Em dois casos, a pausa situa-se entre [α] e a forma verbal infinitiva

	V Aspectual com Pausa	V Aspectual sem Pausa	Ausência de V Aspectual
Presença de [α]	4	17	9
Ausência de [α]	2	68	0

Quadro 4 – Valores absolutos de presença e de ausência de '[α] na CIG', quer com produção de V aspectual (com ou sem pausa entre V e [α]), quer sem produção de V aspectual em LU

	V Aspectual com Pausa	V Aspectual sem Pausa	Ausência de V Aspectual
Presença de [α]	0	9	9
Ausência de [α]	0	24	0

Quadro 5 – Valores absolutos de presença e de ausência de '[α] na CIG', quer com produção de V aspectual (com ou sem pausa entre V e [α]), quer sem produção de V aspectual em P

	V Aspectual com Pausa	V Aspectual sem Pausa	Ausência de V Aspectual
Presença de [ɑ]	0	5	7
Ausência de [ɑ]	1	11	0

Quadro 6 – Valores absolutos de presença e de ausência de '[ɑ] na CIG', quer com produção de V aspectual (com ou sem pausa entre V e [ɑ]), quer sem produção de V aspectual em R

A observação dos dados quantitativos permite-nos verificar que:

a) a presença do [ɑ] Determinante, nas produções das 4 crianças (QUADRO 1), contrasta com a inexistência de casos de apagamento da vogal em 3 das crianças, sendo que, em LA, apenas se registam 2 casos de apagamento;

b) comportamento semelhante apresenta o [ɑ] Preposicional (QUADRO 2): são inexistentes (em P e em R) ou escassos (em LA e em LU) os casos de apagamento da vogal. Acrescente-se que os casos considerados no QUADRO 2 correspondem a contracções da preposição com o artigo definido, facto que não invalida os valores apresentados dado que o resultado fonético da fusão das duas vogais indicia a presença da preposição;

c) contrastivamente, os dados relativos ao [ɑ] da CIG revelam comportamentos diferentes por parte das crianças na produção da vogal: em qualquer uma das 4 crianças, o apagamento de [ɑ] após V aspectual, não precedido por pausa (único contexto válido, de momento, por corresponder à estrutura  $x.^1xVx\#[ɑ]\#x$ ) é mais frequente do que a sua produção:

- . 66% de apagamentos em LA;
- . 80% de apagamentos em LU;
- . 73% de apagamentos em P;
- . 69% de apagamentos em R.

Observados os resultados, verificamos que os comportamentos verbais das crianças diferem consoante os contextos sintácticos em que [ɑ] ocorre. Assim, o funcionamento do [ɑ] aspectual distancia-se do registado para o determinante e para a preposição: o primeiro apresenta apagamentos mais frequentes do que produções; os segundos distin-



guem-se deste pelo predomínio significativo de produções da vogal, que contrasta com a inexistência, em alguns casos, ou com a escassez, noutros, de apagamentos da vogal.

A ausência de factores de ordem fonológica que justificassem a dissemelhança de comportamentos de [a] no *corpus* analisado levou-nos à observação da sua distribuição em função da categoria sintáctica que lhe é atribuída num contexto específico. Informação de natureza quantitativa permitiu-nos verificar que a alternância produção/apagamento de [a] é condicionada pelo contexto sintáctico da vogal. Assim, e dado que o funcionamento do [a] Determinante se aproxima do do [a] Preposicional, quisemos saber da especificidade sintáctica do [a] aspectual, de modo a justificar este desempenho verbal particular das crianças no contexto sintáctico correspondente à construção infinitiva gerundiva dependente de *estar*.

## 5. A resposta da sintaxe

### 5.1. As propostas de Raposo (89), Duarte (92) e Gonçalves (92)

RAPOSO (89) considera que os verbos perceptivos e os aspectuais seguidos de *a* – VInf como *ver* e *estar*, respectivamente, seleccionam um complemento infinitivo encabeçado pela Preposição *a*. Este complemento, designado por Construção Infinitiva Preposicional (=PIC), distinta das construções infinitivas canónicas, i.e., encabeçadas por I, é um constituinte único. De entre os vários argumentos que RAPOSO (89) apresenta em favor desta ideia, destacamos os seguintes:

(i) A PIC pode ocorrer sintacticamente isolada, como em (45), ou pode ser Sujeito final em frases com o verbo copulativo *ser*, como em (46):

(45) [Os meus alunos a copiar(em) no exame]! Que horror!  
(RAPOSO 89: 280, (10a))

(46) [Os meus alunos a copiar(em) no exame] é um espectáculo triste.  
(id., (10b))

(ii) A PIC pode ser focalizada em construções pseudo-clivadas, como em (47), ou topicalizada, como em (48):

(47) O que ele viu foi [os meninos a sair(em) de casa].  
(id., (11))

(48) [Os meus alunos a copiar(em) no exame]<sub>i</sub>, eu não vi<sub>j</sub>.  
(id., (12))

RAPOSO (89) nota, ainda, que dentro da PIC se estabelecem relações de predicação, pelo que se trata de uma oração pequena, que é projecção da Preposição interna *a*, apresentando, por isso, uma distribuição semelhante à das orações pequenas canónicas, i.e., à Stowell, e distinguindo-se dos complementos infinitivos canónicos encabeçados por *I*. Assim, tal como as orações pequenas canónicas, a PIC nunca pode ocorrer como Sujeito frásico ((49)), como adjunto oracional no contexto de uma Preposição atribuidora de Caso ((50)), ou como complemento de verbos factivos ((51)):

(49) \*É difícil [os meninos a trabalhar(em)]. (id.: 282, (24a))

(50) \*Eu saí para [os meninos a trabalhar(em)]. (id., (24b))

(51) \*Eu lamento [os meninos a trabalhar(em) tanto].  
(id.: 283, (24c))

Pelo contrário, a PIC apresenta a mesma distribuição das orações pequenas canónicas encabeçadas por um Adjectivo ou por uma Preposição. De entre os vários argumentos apresentados em RAPOSO (89) em favor desta ideia, destacam-se os seguintes:

(i) Tanto a PIC como as orações pequenas podem ser pseudo-clivadas, como em (52), ou topicalizadas, como em (53):

(52) a. O que ele viu foi [os meninos a sair(em) de casa].  
b. O que ele viu foi [os meninos no jardim].  
(id.: 284, (31b))

(53) a. [Os meus alunos a copiar(em) no exame]<sub>j</sub>, eu não vi<sub>i</sub>.  
b. [Os meninos no jardim]<sub>j</sub>, de certeza que ele não viu<sub>i</sub>.  
(id., (31c))

(ii) Em nenhum dos contextos ilustrados em (49)-(51) podem ocorrer orações pequenas:

(54) \*É difícil [os meninos no jardim]. (id., (30a))

(55) \*Eu saí para [os meninos nus]. (id., (30b))

(56) \*Eu lamento [os meninos com febre]. (id., (30c))

Note-se, no entanto, em primeiro lugar, que, como assinala DUARTE (92) e ao contrário do que a análise de RAPOSO (89) pressupõe, alguns verbos que admitem orações pequenas de natureza preposicional não admitem infinitivo gerundivo:

(57) a. Eu considero-os com idade para se portarem bem.  
(DUARTE 92: 147, (7a))

b. \*Eu considero-os a portar(em)-se bem. (id., (7b))

Em segundo lugar, considerar que o núcleo do complemento do aspectual *estar* é de natureza preposicional não dá conta do facto de esse núcleo ser responsável pelo valor aspectual durativo, que se perde em construções em que ocorre uma verdadeira Preposição, como em (58a), facto assinalado em GONÇALVES (92):

(58) a. O João obrigou os meninos a comer(em) depressa.

b. O João está a comer depressa.

Finalmente, os complementos introduzidos por *a* em construções com verbos aspectuais não podem ser nominalizados, ao contrário do que acontece com os complementos infinitivos introduzidos pela Preposição *a*, como os dependentes de verbos do tipo de *obrigar*, facto que RAPOSO (89) também refere:

(59) a. Eu obriguei os meninos a ler(em) esse livro.  
(RAPOSO 89: 277, (2))

b. Eu obriguei os meninos à leitura desse livro. (id.: 279, (8))

- (60) a. Os meninos estão a ler esse livro.  
 b. \*Os meninos estão à leitura desse livro.

(GONÇALVES 92: 135, (57b))

Tendo em conta estas observações, considera-se em GONÇALVES (92), relativamente a *estar* aspectual, e em DUARTE (92), relativamente aos verbos perceptivos, que a expressão *a* que introduz os complementos infinitivos gerundivos não deve ser classificada como Preposição, mas como um marcador aspectual que constitui um morfema descontínuo com a marca de Infinitivo, *-r*. Esta análise permite dar conta não só dos comportamentos ilustrados por (57)-(60), como ainda do facto de, nalgumas variedades do Português Europeu, coexistirem construções de infinitivo gerundivo e construções gerundivas ((61)), podendo-se, deste modo, uniformizar o tratamento dado a estas construções, como se faz em GONÇALVES (92):

- (61) a. O João está a ler esse livro.  
 b. O João está lendo esse livro.

## 5.2. Os dados da aquisição

Tendo em conta as análises apresentadas resumidamente na secção anterior, passamos à observação dos comportamentos verbais das crianças em fase de aquisição do Português Europeu na utilização da construção infinitiva gerundiva dependente do aspectual *estar*, de modo a testar a eficácia dessas análises.

De entre as várias propostas apresentadas nessas análise, cingir-nos-emos a duas:

(I) A construção infinitiva gerundiva dependente do aspectual *estar* é um constituinte único (cf. RAPOSO 89, DUARTE 92 e GONÇALVES 92).

(II) Nas construções em análise, *a* não é uma Preposição, mas um marcador aspectual, que constitui um morfema descontínuo com a marca de Infinitivo (cf. DUARTE 92 e GONÇALVES 92).

Um dos aspectos que, nas produções verbais das crianças em observação, nos permite confirmar a ideia de que a construção infinitiva gerundiva dependente do aspectual *estar* é um constituinte único

prende-se com o facto de tal construção ocorrer com frequência sintacticamente isolada, sobretudo em início de enunciado, quando se trata de resposta a uma pergunta do adulto ou de continuação do discurso deste último:

- |                             |           |
|-----------------------------|-----------|
| (62) a. a ver lá os bonecos | (LA: 2;8) |
| b. a pôr árvores            | (LU: 2;0) |
| c. a ver a Carocha          | (P: 2;11) |
| d. a dormir                 | (R: 2;0)  |

Quando a construção infinitiva gerundiva ocorre em isolamento sintáctico, *a* aspectual é sempre produzido (cf. quadros 3-6), não se registando nenhum caso em que esta expressão não seja realizada.

Por um lado, esta realização sistemática de *a* permite dizer que as crianças que observámos apresentam já, com frequência, indícios fonéticos da representação sintáctica específica da construção em análise. Por outro lado, tal facto aponta não só para a unidade do constituinte [*a* – VInf (- SX)], na linha de RAPOSO (89), DUARTE (92) e GONÇALVES (92), como para o facto de *a* constituir um morfema descontínuo com a marca de Infinitivo, contribuindo, assim, para o valor aspectual durativo da frase em que ocorre (cf. DUARTE 92 e GONÇALVES 92).

Um outro aspecto das produções das crianças que confirma a análise de RAPOSO (89) relativamente à unidade do constituinte [*a* – VInf (- SX)] é a existência de pausa entre o verbo aspectual e o constituinte referido, o que se verifica em 4 das produções de LA e em 4 das produções de LU (cf. quadros 3 e 4):

- |                                 |            |
|---------------------------------|------------|
| (63) a. que está // a funcionar | (LA: 2;11) |
| b. e estão // a correr          | (LU: 2;2)  |

Esta marcação prosódica ocorre igualmente em 2 produções de LU das quais está ausente *a* aspectual, mas em que, mesmo assim, existe uma pausa entre o verbo aspectual e a forma verbal infinitiva. Esta pausa pode ser interpretada, por um lado, como uma fronteira de constituinte sintáctico e, por outro lado, como indício fonético de uma posição sintáctica não realizada segmentalmente:

(64) e o bebé está // rir

(LU: 2;2)

Produções deste tipo são, também, relevantes para confirmar o segundo aspecto acima mencionado, a saber: *a*, nas construções de infinitivo gerundivo, não é uma Preposição, mas um marcador de Aspecto. Para podermos chegar a esta conclusão, torna-se necessário contrastar produções em que *a* é um marcador aspectual com produções em que *a* é inequivocamente de natureza preposicional, tendo como complemento um SN, como em (65):

(65) a. está à mesa (LA: 2;6)

b. é igual à minha cadeira (LU: 2;5)

c. eu vou à mãe (P: 3;3)

d. à rua (R: 1;10)

Neste sentido, se analisarmos os quadros 3 a 6, verificamos que, nas produções de todas as crianças, o número de vezes em que *a* aspectual não é realizado na presença de verbo aspectual *estar* é superior ao número de vezes em que, no mesmo contexto, *a* aspectual é realizado:

- 38 ausências vs. 25 presenças em LA
- 70 ausências vs. 21 presenças em LU;
- 24 ausências vs. 9 presenças em P;
- 12 ausências vs. 5 presenças em R.

Pelo contrário, e se observarmos o quadro 2, o número de vezes em que *a* (inequivocamente) preposicional é realizado é superior ao número de vezes em que o mesmo *a* não é produzido, havendo mesmo crianças que o produzem sempre nestas condições:

- 27 presenças em 31 casos de LA;
- 11 presenças em 12 casos de LU;
- 14 presenças em 14 casos de P;
- 28 presenças em 28 casos de R.

O contraste entre a construção aspectual e a construção preposicional é acentuado por outros dois comportamentos verbais das crianças cujas produções analisámos. Em primeiro lugar, é de assina-

lar, nas produções de P, a substituição de *a* por *de* em frases com infinitivo gerundivo, o que não acontece quando se trata de uma construção preposicional:

(66) estão de comer (=estão a comer) (P: 2;7)

Em segundo lugar, e ao contrário do que acontece nas construções preposicionais, encontra-se, também nas produções de P, a substituição do marcador aspectual por material estranho:

(67) [ˈtaʃuˈarə] por <está a chorar> (P: 2;7)

A substituição do marcador aspectual por *de* ou por material estranho, como em (66) e (67), respectivamente, ao contrário do que acontece nas construções preposicionais, demonstra que as crianças em fase de aquisição do Português Europeu revelam indícios fonéticos da representação sintáctica específica desta construção, ainda que a sua utilização não tenha estabilizado. Esta ideia é reforçada pela co-ocorrência, no mesmo estágio de desenvolvimento, de produções com e sem o marcador aspectual. A título ilustrativo, vejam-se os exemplos de (68), produzidos por P, a par de (67):

(68) a. [ˈtaʃuˈarə] (P: 2;7)  
 b. [ˈtaʃuˈarə] (P: 2;7)

Em síntese, pretendíamos testar, nesta secção, a eficácia das análises de RAPOSO (89), DUARTE (92) e GONÇALVES (92), tendo em conta os comportamentos verbais de algumas crianças em fase de aquisição do Português Europeu. Essas análises, assentes em dados da gramática do adulto, são legitimadas pelos dados recolhidos das produções das crianças observadas. Assim, (i) a construção infinitiva gerundiva dependente do aspectual *estar* é um constituinte único (cf. RAPOSO 89, DUARTE 92 e GONÇALVES 92); (ii) nas construções em análise, *a* não é uma Preposição, mas um marcador aspectual, que constitui um morfema descontínuo com a marca de Infinitivo (cf. DUARTE 92 e GONÇALVES 92).

## 6. Observações finais

Após a análise dos dados, verificámos ser impossível, com instrumentos exclusivamente fonológicos, dar conta da distribuição assimétrica de [a] nas produções das quatro crianças portuguesas observadas. Nesse sentido, procurámos, na sintaxe, uma resposta para o problema, à partida estritamente fonológico, dado que se verificou que a assimetria registada é condicionada pelo contexto sintáctico. Assim, confirma-se a HIPÓTESE 2, enunciada em 2.:

*A produção da vogal [a] é condicionada por factores de natureza sintáctica, ou seja, a presença da vogal, o seu apagamento ou a alteração das suas propriedades segmentais depende da sua categoria sintáctica. Assim, no processo em análise, verifica-se a interacção dos dois módulos da gramática (sintáctico e fonológico) no processo de aquisição do Português Europeu.*

A observação de dados da aquisição do Português Europeu numa perspectiva sintáctica legitimou análises anteriormente propostas para esta língua natural (RAPOSO 89, DUARTE 92 e GONÇALVES 92), nomeadamente no que diz respeito à unidade do constituinte [*a-Inf - (SX)*] e à necessidade de recategorização de *a* na construção infinitiva gerundiva dependente do aspectual *estar*.

Ainda que as afirmações feitas neste trabalho sejam necessariamente condicionadas pela dimensão do *corpus*, é relevante registar que alguns comportamentos verbais das crianças, especificamente os relacionados com material linguístico em fronteira de palavra, só poderão ter um tratamento adequado quando manipulados instrumentos teóricos de diferentes módulos da Gramática.

## Notas

NB: Os dados foram recolhidos no âmbito do Projecto PCSH/LIN/524/93, em curso no Laboratório de Psicolinguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e estão a ser parcialmente tratados no âmbito do projecto de doutoramento apresentado por M. João Freitas à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.



## Referências

- BASSANO, D. & I. MENDES MAILLACHON (1993). 'First steps in grammatical and prosodic marking of utterance modality: a study of a french child from 14 to 21 months'. Comunicação apresentada ao "VIth International Congress for the Study of Child Language", Trieste, Julho de 1993.
- DEMUTH, K. (1995). 'The Prosodic structure of early words'. J. Morgan & K. Demuth (eds) *From signal to syntax: Bootstrapping from speech to grammar in early acquisition*. Hillsdale: LEA.
- DUARTE, I. (1992). 'Complementos infinitivos preposicionados e outras construções temporalmente defectivas em Português Europeu'. *Actas do VIII Encontro Nacional da APL*. APL: Lisboa.
- GERKEN, L., P. JUSCZYK & D. MANDEL (1994). 'When prosody fails to cue syntactic structure: nine-months olds' sensitivity to phonological versus syntactic phrases'. *Cognition* . 51.
- GONÇALVES, A. (1992). *Para uma sintaxe dos verbos auxiliares em Português Europeu..* Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa: Lisboa. Não publicada.
- MANDEL, D., P. JUSCZYK, D. K. NELSON (1994). 'Does sentential prosody help infants organize and remember speech information: A prosodic whole is better than two parts'. Comunicação apresentada à "19th Annual Boston Conference on Language Development", Boston, Janeiro de 1994.
- NESPOR, M., M. T. GUASTI & A. CHRISTOPHE (1995). 'Selecting word order: The rhythmic activation principle'. Não publicado.
- RAPOSO, E. (89). 'Prepositional Infinitival constructions in European Portuguese'. In O. Jaeggli & K. Safir (eds). *The Null Subject Parameter*. Kluwer Academic Press: Dordrecht.
- SCARPA, E. (1993). 'Filler-sounds and the acquisition of prosody: sound and syntax'. Comunicação apresentada ao "VIth International Congress for the Study of Child Language", Trieste, Julho de 1993.
- SHADY, M., L. GERKEN & P. JUSCZYK (1994). 'Prosody serves as a linguistic marker to local co-ocurrence patterns in ten-month-olds'. Comunicação apresentada à "19th Annual Boston Conference on Language Development", Boston, Novembro de 1994.